

# O Ad Hominem Hitler

Vincent Cheung

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto<sup>1</sup>

Estava conversando outro dia com certa pessoa no trabalho, e ela me disse que ninguém deveria julgar a crença ou religião de outra pessoa. Como resposta, disse que se esse fosse o caso, então Hitler estava justificando o que fez. Ele respondeu que Hitler cria que estava certo, de forma que para ele aquilo era certo. Por favor, comente isso.

Uma pessoa deve ser cuidadosa quando tenta reduzir a posição do seu oponente ao absurdo ou deduzir a partir da posição uma implicação que até mesmo seu oponente não aceitaria. Aqui chamaremos isso de o argumento *ad hominem*, isto é, um *ad hominem* lógico e não um *ad hominem* de ataque pessoal irrelevante. Quando usado incorretamente, a tática pode ser um tiro pela culatra.

É melhor reduzir a posição de um oponente ao absurdo lógico do que simplesmente a um absurdo cultural. Você pode reduzir uma posição a um ponto onde alguém, de um pano de fundo e cultura particular, provavelmente a consideraria absurda e assim, difícil de ser aceita. Mas isso não refuta a posição. Isso nos diz algo sobre a pessoa e sua cultura, mas a própria posição não é afetada. Somente algo que é logicamente absurdo é verdadeiramente errado, refutado e indefensível. O que Hitler fez e a posição que considera correto o que ele fez não são logicamente absurdos. Se confinado a um contexto limitado sem trazer outras premissas ou definir um padrão moral, então não há nada absurdo aqui. Assim, se você reduz uma posição somente a um ponto onde ela é culturalmente inaceitável, então o argumento poderia ser um tiro pela culatra quando seu oponente rompe com a cultura e aceita a posição de qualquer forma.

Você nunca deve descansar seu caso sobre um *ad hominem*, ou dar a impressão que você descansa seu caso sobre um *ad hominem*. Descansar sobre um *ad hominem* pode significar que você realmente não tem nenhuma razão positiva para crer no que crê. Então, dar a impressão errada e então ter o *ad hominem* saindo pela culatra permitirá que seu oponente pense que surpreendeu você e que ele agora tem o controle. Na pregação e defesa da fé, não é suficiente apenas mostrar que você é o menos errado. Você deve mostrar que está certo, e o oponente errado. Um *ad hominem* que mostra o absurdo lógico pode provar apenas que seu oponente está errado. E um *ad hominem* que mostra o absurdo cultural, se o mesmo se aplica ao oponente, pode mostrar somente que ele é inconsistente. Ele nem mesmo mostra que sua posição básica é errada.

---

<sup>1</sup> E-mail para contato: [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com). Traduzido em Outubro/2006.

Quando usado cuidadosa e corretamente, um *ad hominem* pode ser uma forma eficaz de começar uma conversa, abalar seu oponente no debate, ou algumas vezes até mesmo refutar uma posição (sem necessariamente fornecer a oposta). Talvez o propósito mais importante e útil de um *ad hominem* é levar o debate para as questões mais profundas de metafísica e epistemologia. Esses são os propósitos para os quais eu usaria algumas vezes argumentos *ad hominem*, mas sempre insistiria que minha posição não depende do *ad hominem*, especialmente quando a conclusão não é logicamente absurda, ou quando refutar a posição do oponente dessa forma não prove a minha.

Agora, dado o ponto de vista do seu oponente, a resposta dele foi correta, no sentido que foi consistente com o que ele disse. A menos que haja um padrão moral absoluto, não há nenhuma justificção racional para condenar Hitler. Assim, você não pode dizer que porque condenamos Hitler, deve haver um padrão absoluto – isso reverte a ordem correta do raciocínio. Você poderia suavizar isso, e dizer que porque condenamos Hitler, isso implica que cremos num padrão absoluto. Mas se isso é eficaz ou não, depende de como seu oponente responderá. Ele poderia dizer que então estamos todos errados em ter um padrão, de forma que deveríamos abrir mão do mesmo.

Colocando isso em termos gerais, você poderia dizer que, sem um padrão absoluto, não podemos justificar os princípios éticos. Seu oponente poderia então responder que, portanto, não deveríamos ter nenhum princípio ético. Mesmo assim você ainda pode vencer, mas você já complicou muito o assunto. E é inútil argumentar dizendo, “A menos que X seja verdadeiro, você não pode justificar Y”, a menos que X seja realmente verdadeiro, e a menos que você realmente precise justificar Y. Ao complicar assim o debate, sem fornecer ou refutar algo, você apenas atrasou em um passo a necessidade de discutir as questões reais, que dizem respeito a metafísica e epistemologia.

Aqui é onde o pseudo-pseudopressuposicionalismo erra também. Ele frequentemente demanda que o oponente justifique coisas que são inerentemente irracionais, que não podem e não deveriam ser defendidas em primeiro lugar. Então, alega que a cosmovisão bíblica pode justificá-las, mas nunca são bem sucedidos em mostrar como. Ele depois complica o problema fazendo o que é inerentemente irracional ser a própria pré-condição para conhecer a cosmovisão bíblica, excluindo também assim a si mesmo disso. Assim, no final ele somente construiu outra escola de irracionalismo. Em contraste, reconhecemos que a cosmovisão bíblica é perfeitamente racional, de forma que exclui todas as coisas que não são racionais. O que nós tiramos dos incrédulos, não abraçamos, mas jogamos fora.